

Antônio Nunes, vendedor de cachorro quente: "Brasília é o meu sonho há muito tempo"



"diminuindo a fome desse povo que não tem tempo de comer em casa"

Brasília é uma cidade consolidada, estabilizada e autônoma e não tem problema de proteção ao crédito

Nelson Pereira de Souza, diretor do Serviço de Proteção ao Crédito, e que está em Brasília desde a sua fundação veio do Rio para a cidade com a instalação do Banco do Brasil, logo nas primeiras semanas da sua fundação. Acompanhou desde então todos os passos que a cidade deu nestes últimos anos e considera Brasília uma cidade já consolidada, estabilizada e autônoma em grande parte dos seus setores.

Brasília cresceu e desenvolveu-se muito com as levas de funcionários que chegavam para a fixação definitiva dos órgãos governamentais. Tal fato fez com que ela, em sua consolidação como cidade, desse fim à antiga fama de cidade dos aventureiros, pois a começar pelo seu comércio, todas as suas estruturas já estão bem delineadas, estabelecidas e bem dentro do espírito de afirmação da cidade".

"Dez anos é o prazo que nós que lidamos diretamente com os setores de

desenvolvimento comercial e industrial, damos a uma cidade para considerá-la, solidamente firmada em suas bases estruturais econômicas, e no caso, Brasília alcançou nestes dez anos, índices de afirmação bem consideráveis e que fazem com que já possamos considerá-la uma cidade em vias de se equiparar nesse aspecto infra-estrutura a qualquer outra cidade brasileira".

Quanto aos problemas de crédito, o

Presidente do SPC foi bastante objetivo em dizer que os índices de movimentação aqui não se distanciam dos registrados no Sul do País. "Basta dizer que o último caso de transgressão às leis do crédito ocorreu há quase dois anos, quando foi desmascarada uma firma fantasma em Taguatinga".

Necessidades, Nelson Pereira pôs em destaque a precisão de muitas, mas que devem ser consideradas naturais e consequências de uma cidade nova. Mas salienta "o que já está feito e não o que há por fazer".

"Muito desquite é um ponto bem positivo"

O índice recorde de desquitados conjugais no Distrito Federal e, em contraposição, a acentuada existência de casais que vivem juntos sem nunca ter formalizado o matrimônio, são na opinião da estudante universitária Lenita M. Tuchi, alguns dos aspectos mais positivos do tipo de sociedade que se formou em Brasília.

Apesar de ser casada, Lenita tem o ponto de vista de que o casamento como instituição está em franco declínio e que em Brasília esse processo de desgaste foi catalisado pelo tipo de vida que se leva na Capital.

Isto é possível, segundo ela mesmo, medida que as pessoas ao virarem para Brasília encontram condições para viver em um tipo de sociedade com uma estrutura de valores mais aberta — o que ela vê com bastante simpatia.

Quanto aos casais jovens, que vivem juntos apesar de conservarem o estudo civil de solteiros, Lenita tem duas explicações: as pessoas que vêm para Brasília, principalmente jovens, deixaram para trás uma série de tradições e valores inhibidores e, em segundo lugar, encontram uma estrutura de valores mais flexível, o que permite um controle social menos rígido que em lugares mais provincianos.

Lenita, que está cursando o quarto ano de Sociologia na Universidade de Brasília, veio de Goiânia, a cidade onde nasceu e onde viveu até concluir o curso científico. Diz que um único motivo a trouxe a Brasília: a procura de uma boa universidade e de um "campus" onde pudesse encontrar um bom relacionamento comunitário.

O seu objetivo foi cumprido em parte, diz ela. "Encontrei uma Universidade estruturada dentro da Reforma Universitária e com um modelo de "campus" que favorece a integração dos estudantes de diferentes cursos, ao contrário de outros "campus" onde os Departamentos são separados". Entretanto, disse que ultimamente o relacionamento no "campus" esfriou um pouco e que a Universidade foi invadida pelas camadas financeiramente mais altas, ficando assim muito elitizada. Ao comentar isso, aponta para o estacionamento da Universidade, que já não comporta o número de veículos, durante as horas de aulas.

Ante a observação de que a conversa voltou-se mais para a Universidade e que o assunto é Brasília, Lenita diz que Brasília é uma utopia, à medida que foi planejada para um homem que ainda não existe, "um homem que realmente saiba viver em comunidade" e por isso, não atingiu um dos objetivos a que se

propunha. Justificando, ela diz que não houve um estudo sociológico das pessoas tendo em vista as que viriam para cá e que o arquiteto foi muito otimista em seus propósitos.

O que está faltando em Brasília? A esta pergunta, a entrevistada não dá uma resposta direta, mas diz que Brasília é talvez a cidade brasileira onde o "vazio cultural" atinge mais as pessoas. Na falta de atividades culturais, de lazer — disse — as pessoas que vivem em Brasília são levadas a se interiorizarem mais, a se questionarem mais, o que segundo ela, pode ser um aspecto positivo, mas por outro lado, poderia ser também negativo, a medida que a cidade convida as pessoas para a solidão.

No plano arquitetônico, ela admira Brasília por ser "uma festa em termos estéticos", um verde que não acaba mais, mas que também pode ser um traço negativo à medida que esse verde foi feito mais para as pessoas que têm carro, objeto indispensável aos habitantes da Capital, devido às grandes distâncias.

Finalizando, Lenita, que é de estatura pequena, diz que se sente muito pequena dentro desse monumento que é Brasília, mas que pretende continuar vivendo aqui, mesmo depois de formada em sociologia urbana.